



BRUTALIS

Um mundo onde a tendência imparável é a massificação generalizada dos desejos e dos produtos, é um mundo onde até as novidades nos parecem mais do mesmo, onde o desejo desnorteado pela subtilidade das diferenças, se vê desejando mais desejo numa tautologia maníaca, que substitui o produto pela marca, o bom pelo conhecido.

Há assim vinhos perfeitamente inseridos neste contexto, macios, aveludados, elegantes, mesmo sofisticados e badalados, bons ou menos bons, são “mais do mesmo”, são vinhos no plural que se dirigem a todos em qualquer altura...E depois há o BRUTALIS, que se dirige a todos mas só de vez em quando.

É um vinho duro, que não recorre a açúcar adicionado para agradar a papilas gustativas viciadas; representa uma filosofia mais desprezada e independente e seria na nossa opinião este o caminho desejável para o setor em geral...

CORAGEM

Coragem porque todos precisamos dela em muitas ocasiões da vida e administrá-la não é para todos.

Temos uma Touriga Nacional porque é “nossa”, um Chardonnay com um cunho marcadamente Atlântico, e depois vinhos de duas castas como o Viosinho/Sauvignon e outros virão com as vindimas...

Aqui trabalhamos numa tentativa de romper com o progressivo encurralamento que os mercados internacionais nos vêm tentando impor, ou seja, que façamos vinhos com as nossas “castas locais”, apelando ao nosso orgulho, narcisismo e patriotismo, e acabam por nos obrigar a fazer um tipo de vinho que muitos consumidores não gostam com castas que não conhecem, nem conseguem pronunciar o nome, dificultando-nos o acesso ao mercado e criando opacidade entre produto e consumidor. É desta maneira que permaneceremos um “nicho de mercado”. Sabemos que somos dos poucos com esta opinião bem como somos dos poucos a dizer que Portugal tem castas a mais. Não podemos ser um museu ampelográfico ao ar livre! Todos os outros produtores mundiais de vinho baseiam a sua produção em pouco mais de meia dúzia de castas de comprovada qualidade e já conhecidas e acarinhadas pelos consumidores. Para dizer isto em Portugal, também é preciso mesmo ter coragem.



3 AUTORES

...Era para ser chamado ironicamente “Quase Bom” porque quando estávamos a prová-lo das barricas para engarrafar, dizíamos sempre que estava “quase”... “quase bom”, sendo que a primeira edição até pecou por estágio a mais.

Contrariando a tendência geral de empurrar o “enólogo-herói” para figura de proa, negligenciando que o vinho é um trabalho de equipe, com contributos decisivos dos muitos que contribuíram anonimamente para a qualidade final, o 3 Autores (que já inspirou inevitavelmente algumas imitações) evidencia o trabalho de equipe e agradece a todos os anónimos que o encaminharam até ao topo.

RESERVA DOS AMIGOS 14,5%

Foi imitado não sei quantas vezes. É que há uma mania em Portugal de imitar tudo aquilo que tenha sucesso ou pareça ter. Há por aí inúmeras imitações e um dia podia fazer-se um museu com elas...Salta à vista o PIAS, que já tem tantas dezenas de imitações, que ninguém se lembra do original, muito menos o consumidor.

“Triste” é a primeira palavra que me vem à cabeça, mas triste não chega para descrever tal falta de pudor, ética e criatividade... faz parte do complexo de problemas que vem atrasando o País. O respeito pela propriedade intelectual é, numa economia cada vez mais “de intangíveis”, uma responsabilidade legislativa a levar muito a sério. O desrespeito pela propriedade intelectual contrasta grotescamente com as desavenças, casos nos tribunais, brigas e mortes por mudar um marco num terreno em posio.

O Reserva dos Amigos 14,5% é um reflexo e um tributo de homenagem ao aquecimento global. Há um tinto de várias castas de cunho Atlântico, que todos adoram e um recém-chegado Chardonnay (sim, com 14,5%) vizinho do Atlântico, deliciosamente fresco e crepitante por detrás da untuosidade que lhe é característica. Apesar dos 14,5% são vinhos elegantes e equilibrados (pelo Atlântico) que não chamuscam assim tanto as sobancelhas. É só aprender a bebê-los...com moderação e com os amigos e amigas.

